

**ESTRATÉGIAS E DINÂMICAS DAS *TRADINGS* DA SOJA A
PARTIR DA MESORREGIÃO SUDESTE PARANAENSE¹**

**STRATEGIES AND DYNAMICS OF SOYBEAN *TRADINGS*
FROM SOUTHEAST MESORREGIONS PARANAENSE**

Michele Serpe Fernandes² & Roberto França da Silva Junior³

²Secretaria de Estado da Educação do Paraná
Rua Chile, nº99, Eng. Gutierrez, Irati - PR, Brasil. CEP: 84500-000
micheleserpe@hotmail.com

³Universidade Federal da Integração Latino-Americana / Av. Tancredo Neves, 6731 /
PTI - Bloco 6 - Espaço 1 - Sala 6 / Foz do Iguaçu - PR, Brasil.
roberto.unila@gmail.com

Recebido 18 de julho de 2013, aceito 25 de agosto de 2013

RESUMO: Diante da agricultura globalizada, o objetivo das regiões é se tornar cada vez mais competitivas. Para tanto, é necessário articulação e mobilização da produção com a maior fluidez possível. Nesse contexto, as *tradings* do agronegócio utilizam o território estabelecendo fusões, aquisições e parcerias, em lugares com relativa capacidade de articulação territorial. É nesse contexto que a mesorregião Sudeste Paranaense vem se inserindo e participando da reprodução da mais-valia global através do processo de produção e circulação da soja.

Palavras-chave: agricultura globalizada, soja, empresas globais, circuito espacial produtivo.

¹ Este artigo é parte dos resultados e discussões desenvolvidas na dissertação intitulada "Participação da mesorregião Sudeste Paranaense na agricultura científica globalizada: estrutura produtiva e a circulação da soja".

² Mestre em Geografia pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (2013) onde foi bolsista (Capes) Coordenação de Pessoal de Nível Superior.

³ Professor Adjunto I, lotado no Instituto Latino-Americano de Tecnologia, Infraestrutura e Território / Centro interdisciplinar do espaço habitado.

ABSTRACT: During globalization, regions seek competitiveness through coordination and mobilization of production increased intensity of flows. Corporate agribusiness (trading companies) act establishing the territory internalization strategies in regions with relative nodal capacity. It is in this context that the middle southeast Paraná has been entering and participating in the reproduction of the global surplus value through the process of production and circulation of soybeans.

Key words: agriculture globalized, soybean, global companies, circuit productive spatial.

INTRODUÇÃO

Nas últimas quatro décadas, o território brasileiro apresentou um processo de verticalização da competitividade, na forma de regiões que se especializam e se dotam de sistemas técnicos para o suporte à demanda por mais produção e circulação.

Decorrente dos investimentos do Estado na modernização corporativa da agricultura, a soja passou a se apresentar como um dos exemplos de *commodity*⁴ produzida de modo mecanizado, que se expandiu do Sul ao Centro-Oeste, expandindo abruptamente a fronteira agrícola brasileira a partir da década de 1970. Empresas multinacionais se estabeleceram na cadeia da soja e novas divisões territoriais e sociais do trabalho se formaram.

Na década de 1990 esse processo se consolidou no país, na forma de uma

⁴Por *commodity* entendemos um produto primário ou semielaborado, mineral ou agrícola, padronizado mundialmente, cujo preço é cotado nos mercados internacionais, em bolsas de mercadorias. Trata-se de uma invenção não apenas econômica/financeira, mas também política, que enfraquece e submete o produtor local - pelo menos quando se trata de *commodity* agrícola - à uma lógica única ou global e a uma situação sobre a qual não se exerce nenhum controle, favorecendo os grandes compradores ou as grandes empresas de comercialização (tradings). A lógica das *commodities* opõe agentes atrelados ao lugar ou à região aos agentes que atuam em rede (Castillo, 2011, p. 340).

“agricultura científica globalizada” (Elias, 2003. Santos, 2011), quando o objetivo dos agentes corporativos regionais passou a ser a obtenção de produtividade não somente no processo de produção propriamente dita, mas no processo geral de circulação, transportes e armazenagem, surgindo a logística no campo brasileiro.

É neste momento que as *tradings* internacionais⁵ passam a atuar junto a empresas nacionais com “auxílio” do Estado, atuando em vários ramos da agropecuária, articulando os circuitos espaciais de produção e círculos de cooperação no espaço, de modo a obter maior fluidez na circulação de suas mercadorias.

Com base nesses pressupostos, elegemos a mesorregião Sudeste do Paraná⁶ para analisar como essa realidade se expressa, tendo em vista que se trata de uma região aonde a soja se consolidou mais recentemente, “a reboque” do aumento da demanda e crescimento do poder das *tradings*.

Para a realização deste trabalho foram coletados dados e informações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE); Sistema de Cadastro Nacional das Unidades Armazenadoras (Sicarm), Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (Ipardes).

Em 2012 foram realizadas entrevistas junto à Secretaria de Abastecimento de Agropecuária (Seab), núcleo regional de Irati, prefeituras de municípios da

⁵ *Trading*, em inglês, é o ato de “negociar”. Não se trata da ideia simples de comercialização, mas de organização e competitividade junto aos mercados financeiros, ou seja, é a negociação de ativos financeiros ligados à todo o complexo soja, inclusive junto aos concorrentes, tais como ações, futuros, câmbio e títulos. A compra e venda de soja junto aos produtores são mecanismos visíveis destes processos, assim como a industrialização da soja, na forma de produtos domésticos, e outros fins, é a face mais conhecida.

⁶ A mesorregião Sudeste Paranaense foi delimitada pelo IBGE em 1989 e é composta por 21 municípios: Antônio Olinto, Bituruna, Cruz Machado, Fernandes Pinheiro, General Carneiro, Guamiranga, Imbituva, Ipiranga, Irati, Ivaí, Mallet, Paula Freitas, Paulo Frontin, Porto Vitória, Prudentópolis, Rebouças, Rio Azul, São João do Triunfo, São Mateus do Sul, Teixeira Soares e União da Vitória.

mesorregião Sudeste Paranaense e gerentes de empresas atuantes na produção da soja.

A SOJA E A AGRICULTURA CIENTÍFICA GLOBALIZADA

Na presente década, a soja se apresenta como uma das principais culturas de exportação do Brasil, e também expressa a inserção do país em uma “agricultura científica globalizada”. O Brasil, conforme a Embrapa (2012), é o segundo maior produtor e exportador de soja do mundo, ficando atrás apenas dos Estados Unidos.

A produção da soja no Brasil teve início na década de 1960, década da “modernização” agrícola, quando foi criado o Sistema Nacional de Crédito Rural (SNCR) e todo o estímulo à adoção de um pacote tecnológico produzido pelas corporações, tais como sementes “melhoradas”, fertilizantes, agrotóxicos e novos maquinários agrícolas.

Este também foi o momento da articulação de grandes redes do agronegócio com a consolidação da indústria à montante e à jusante da agricultura, ou seja, a indústria passou a fornecer os insumos para plantação, produção e colheita, assim como, industrializar os produtos agrícolas (MAZZALI, 2000).

A soja se difundiu a partir estados da região Sul do país e as cooperativas tiveram grande peso na difusão desta cultura. De acordo com Fajardo (2007 e 2008), no caso do Paraná, as cooperativas deram grande impulso ao processo de modernização da agricultura. A partir de 1970, as cooperativas altamente capitalizadas que antes se dedicavam à cultura do café no norte do Paraná, passaram a trabalhar com a soja. A criação da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), em 1972, e Embrapa Soja, em 1974, deram ainda mais força à produção da soja.

Com o avanço das pesquisas e com a presença do capital estrangeiro, a soja se expandiu para os novos *fronts* agrícolas no cerrado. Exemplo disto é a

formação da Companhia de Promoção Agrícola (Campo) e do Programa Nipo-Brasileiro de Cooperação para o Desenvolvimento Agrícola da região do Cerrado (Prodecer) – 51% de capital brasileiro e 49% de capital japonês, simulados pela Agência Japonesa para a Cooperação Internacional (Jica) – (Carvalho, 2010). Este “acordo assinado em 1974 entre o Brasil e o Japão, viabilizou a expansão da soja para o Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Goiás, Minas Gerais e oeste da Bahia” (Oliveira, 2007, p. 91).

Este momento coincide com a difusão do meio técnico-científico-informacional (Santos, 2006, Santos e Silveira, 2008) e as regiões passam a uma verticalização da especialização produtiva, reunindo novos fatores e condições que elevam a produção e a produtividade (Castillo, 2007). Juntamente às regiões mais competitivas concentram-se indústrias e investimentos na circulação da produção (especialmente no sistema de movimento rodoviário).

Além dessa divisão territorial do trabalho, uma nova divisão social do trabalho emerge. Profissões ligadas ao agronegócio passam a ser cada vez mais comuns: agronomia, veterinária, economia rural, administração rural, zootecnia etc.

No período entre a recessão dos anos 1980 e da entrada das políticas neoliberais no país, novas dinâmicas se estabeleceram. Conforme Castillo (2011, p. 333), “o papel articulador, antes exercido quase que exclusivamente pelo Estado, vai sendo compartilhado com grandes empresas agroindustriais e *tradings*, nacionais e estrangeiras”. A agricultura fica em parte a comando do Estado e, em parte, à mercê das estratégias de empresas nacionais e globais, em uma regulação híbrida.

Empresas como Bunge, Cargill, Coamo Agroindustrial Cooperativa, Cocamar Cooperativa Agroindustrial⁷, Grupo André Maggi, Louis Dreyfus *Commodities*,

⁷ Fajardo (2008) discorre sobre os diferentes tipos de estratégias (verticais, horizontais) adotadas pelas empresas do agronegócio, as *Tradings* Bunge, Cargill e as cooperativas Coamo, Cocamar.

Archer Daniel Midlans (ADM), tornam-se protagonistas nos circuitos espaciais. Conforme Belik (1994), nesse período ocorrem muitas fusões, parcerias, entre empresas nacionais e estrangeiras⁸.

Estas fusões e parcerias entre empresas nacionais e estrangeiras no setor de alimentos sugerem a criação redes, não aquelas originadas apenas por certa empresa e suas filiais, mas, de complexas redes de redes que articulam múltiplos circuitos espaciais produtivos no espaço do Brasil e do mundo.

OS CIRCUITOS ESPACIAIS DE PRODUÇÃO DA SOJA

Os circuitos espaciais de produção se resumem em etapas que vão desde a retirada de produtos da fazenda até seu destino final, os centros de consumo, passando por subetapas de transporte, armazenamento, distribuição e exportação. Santos (1988), já demonstrava a importância da análise do circuito espacial de uma produção abarcando as relações que vão além da região, articulando diferentes escalas. Porém, do ponto de vista regional é possível captar apenas parte desse circuito. Castillo e Frederico (2010) reafirmam essa condição para análise do circuito.

No caso do circuito espacial produtivo da soja são várias as etapas a serem transpostas para a realização da mais-valia. “Cada firma usa o território segundo sua força. Criam-se, desse modo, circuitos produtivos e círculos de cooperação como forma de regular o processo produtivo e assegurar a realização do capital” (Santos, 2008, p. 121). Os circuitos produtivos são definidos:

[...] pela circulação de produtos, isto é, de matéria. Os circuitos

⁸ Um exemplo é a Bunge, que está no Brasil desde 1905. A partir de 1990, a empresa concentrou sua atuação em três áreas: fertilizantes, grãos/oleaginosas e produtos alimentícios, e sua projeção no país ficou ainda mais forte com a compra de algumas empresas nacionais, entre elas a Ceval, especializada na cadeia produtiva de grãos, sobretudo soja, localizada no Paraná. De acordo com Fajardo (2008, p. 308) “era muito expressiva no processamento de soja e ainda na produção de fertilizantes”. Trata-se de uma clara estratégia de concentração.

de cooperação associam a esses fluxos de matéria outros fluxos não obrigatoriamente materiais: capital, informação, mensagens, ordens. As cidades são definidas como pontos nodais, onde estes círculos de valor desigual se encontram e superpõe. (Santos, 2008, p. 121)

De uma maneira sintética podemos identificar o total gerado pelos circuitos espaciais da soja no mundo no quadro 1.

Quadro 1 - *Produção/exportação/importação de soja e derivados no ano de 2010/11 em mil toneladas*

Produção de soja em mil (t)		Exportação de soja em mil (t)		Importação de soja em mil (t)	
Estados Unidos	90.606	Estados Unidos	40.859	China	52.339
Brasil	75.500	Brasil	29.951	União Europeia	12.465
Argentina	49.000	Argentina	9.205	México	3.498
China	15.100	Paraguai	6.385	Japão	2.917
Produção: farelo de soja em mil (t)		Exportação: farelo soja em mil (t)		Importação: farelo de soja em mil (t)	
China	43.560	Argentina	27.541	União Europeia	21.714
Estados Unidos	35.608	Brasil	13.987	Indonésia	3.000
Argentina	29.300	Estados Unidos	8.259	Tailândia	2.318
Brasil	27.820	Índia	4.635	Japão	2.208
Produção: óleo de soja em mil (t)		Exportação: óleo soja em mil (t)		Importação: óleo de soja em mil (t)	
China	9.840	Argentina	4.544	China	1.319
Estados Unidos	8.567	Brasil	1.668	Índia	945
Argentina	7.180	Estados Unidos	1.466	União Europeia	905
Brasil	6.910	União Europeia	456	Egito	637

Org.: Michele Serpe Fernandes.

Nos anos de 2010/11, conforme o quadro 1, os maiores produtores e exportadores de soja foram Estados Unidos, Brasil e Argentina e os maiores importadores foram China e União Europeia, México e Japão.

Para o farelo de soja, os maiores produtores foram China, Estados Unidos, Argentina e Brasil e os maiores exportadores foram Argentina, Brasil, Estados Unidos e Índia.

Para o óleo de soja os maiores produtores foram China, Estados Unidos, Argentina e Brasil e os maiores exportadores foram Argentina, Brasil, Estados Unidos e União Europeia e os maiores importadores foram China, Índia, Europa e Egito.

Em relação ao circuito espacial produtivo da soja no Brasil apresentamos o quadro 2:

Quadro 2 - Brasil: Produção/exportação/importação de soja e derivados no ano de 2012

Produção de soja em (t)		Exportação de soja em (t)		Países importadores de soja em (t)	
Mato Grosso	18.787.783	Mato Grosso	8.654.781	China	19.064.458
Paraná	14.091.829	Paraná	6.281.747	Espanha	1.874.991
Rio Grande do Sul	10.480.026	Rio Grande do Sul	4.685.338	Países baixos (Holanda)	1.437.354
Goiás	7.252.926	Goiás	2.205.965	Tailândia	1.138.357
Produção: farelo de soja mil (t)		Exportação: farelo soja (t)		Países importadores: farelo soja (t)	
Brasil	27.154	Mato Grosso	4.434.547	Países baixos (Holanda)	3.335.551
	*	Paraná	2.907.641	França	2.330.689
		Rio Grande do Sul	2.504.295	Tailândia	1.324.324
		Goiás	1.611.067	Alemanha	1.225.669
Produção: óleo de soja mil (t)		Exportação: óleo soja (t)		Países importadores: óleo soja (t)	
Brasil	6.973	Paraná	503.584	China	935.965

	*	Rio Grande do Sul	439.177	Argélia	88.171
		Mato Grosso	318.243	Irã	85.963
		Minas Gerais	90.863	Índia	85.372

Org.: Michele Serpe Fernandes.

** Sem informação por estado.*

Verificamos que os maiores produtores e exportadores de soja, no Brasil, são os estados de Mato Grosso, Paraná, Rio Grande do Sul e Goiás, já os importadores são China, Espanha, Países Baixos e Tailândia.

Os maiores exportadores de farelo são os estados do Mato Grosso, Paraná, Rio Grande do Sul e Goiás, e os maiores importadores de farelo são Países Baixos, França, Tailândia e Alemanha.

O perfil muda na exportação de óleo, sendo o maior exportador o estado do Paraná, acompanhado pelo Rio Grande do Sul, Mato Grosso e Minas Gerais, e os maiores importadores de óleo são China, Argélia, Irã e Índia.

Na questão de processamento, refino e envase, o estado do Paraná também se destaca, como mostra o quadro 3:

Quadro 3 - *Capacidade de processamento/refino/envase de soja ton/dia (2012)*

Capacidade de processamento ton/dia		Capacidade de refino ton/dia		Capacidade de envase ton/dia	
Paraná	35.745	Paraná	4.080	Paraná	2.032
Mato Grosso	35.486	Mato Grosso	3.313	Mato Grosso	2.536
Rio Grande do Sul	30.560	Rio Grande do Sul	2.420	Rio Grande do Sul	1.973
Goiás	21.285	Goiás	3.090	Goiás	512

Org. : Michele Serpe Fernandes.

Nos quadros 1 e 2 observamos como é imenso o circuito espacial produtivo da soja, que passa por muitas etapas, sendo produzido e processado em maior volume nas Américas e consumido em maior volume nos países da Europa e

da Ásia.

No quadro 3 observamos o estado do Paraná se destacando no processamento e refino da soja. Em relação ao envase, o estado do Mato Grosso se destaca. Também cabe ressaltar que o estado do Mato Grosso é o maior produtor de soja do Brasil e o Paraná é o segundo maior, conforme dados do Sidra/IBGE (2012).

Nessa perspectiva, as cidades desses estados se tornam pontos estratégicos para implantação unidades da indústria ou filiais, onde se transmitem informações e as ordens vindas das sedes e matrizes. Corrêa (2006, p. 313) exemplifica a rede de múltiplos circuitos, mostrando que existem várias ligações possíveis entre um mesmo par de nós. “Uma rede mais complexa, na qual, adicionalmente, as ligações podem se cruzar sem a mediação de um nó. As redes em questão podem tanto apresentar uma hierarquia entre os seus nós como complementaridade entre eles”.

Conforme Castillo e Frederico:

A noção de circuito espacial produtivo enfatiza, a um só tempo, a centralidade da circulação (circuito) no encadeamento das diversas etapas da produção; a condição do espaço (espacial) como variável ativa na reprodução social; e o enfoque centrado no ramo, ou seja, na atividade produtiva dominante (produtivo) (Castillo e Frederico, 2010, p.463).

Ainda segundo Castillo (2004), as grandes empresas impõem suas políticas territoriais e redefinem os circuitos espaciais de produção, sendo o que acontece com a produção da soja, que tem suas etapas controladas direta ou indiretamente. As diversas etapas do complexo da soja, à montante e à jusante, da produção propriamente dita “funcionam segundo as características do *macrocircuito*, isto é, acionando os pontos de modernização do território nacional e do mundo, para

responder de forma competitiva ao mercado globalizado” (Castillo, 2004, p. 87).

Neste contexto múltiplos circuitos espaciais e círculos de cooperação são criados no espaço, estabelecendo diferentes níveis hierárquicos de localização de firmas, distribuição de excedentes e novos investimentos no espaço (Santos, 2008, Sanches, 1991).

No próximo item, apresentamos o circuito espacial produtivo da soja a partir da mesorregião Sudeste Paranaense, detalhando seu processo de produção e circulação.

PARTICIPAÇÃO DA MESORREGIÃO SUDESTE PARANAENSE NOS CIRCUITOS ESPACIAIS PRODUTIVOS DA SOJA

É pressuposto que a mesorregião Sudeste Paranaense é uma subdivisão do espaço, pois, “as regiões são subdivisões do espaço: do espaço total, do espaço nacional e mesmo do espaço local” (Santos 2008a, p. 94). Entretanto, considerando-a separadamente para fins analíticos, a mesorregião produziu 757.052 toneladas de soja em 2011 (Sidra/IBGE 2012) produzidas em todos os seus municípios⁹.

Essa matéria prima será objeto das *tradings* na região em questão, assim como em todo o território nacional e internacional. As topologias dessas empresas revelam seu poder de atuação em diversas atividades econômicas de acordo seus interesses.

Empresas como Bunge, Cargill, Louis Dreyfus *Commodities*, ADM, e algumas nacionais como a Batavo, Coamo, Grupo Maggi, entre outras, atuam no agronegócio da soja e estão presentes em praticamente todos os estados brasileiros (seja por suas marcas ou por suas filiais), atuando em vários outros segmentos da agropecuária e da agroindústria. Além de estabelecer filiais em

⁹ Apesar de produzir soja há mais de 50 anos, somente agora a cultura consolida-se na região. Em 1960 obteve uma produção de 27 toneladas, somente em Cruz Machado.

vários pontos do território brasileiro, hierarquizam as atividades, estabelecendo seus locais de compra, de armazenamento e de processamento, que recebem comandos e ordens de outros lugares (centros administrativos nacionais e estrangeiros) como é demonstrado no mapa 1.

Estas empresas estão presentes em todo o estado do Paraná atuando de alguma forma. Existem, também, muitas empresas nacionais que se dedicam apenas a alguns setores da cadeia produtiva dos produtos agrícolas, como a venda de insumos, o beneficiamento dos produtos, comercialização, funcionando como pontos de cooperação para que se desenvolva o circuito espacial produtivo.

Na mesorregião Sudeste Paranaense existe em torno de 98 empresas que trabalham com diferenciados produtos agrícolas como (trigo, feijão, milho, etc). Destas, 51 trabalham com a soja¹⁰. As empresas que trabalham com a soja são tanto nacionais como multinacionais.

No município de Irati, conforme a Seab (2012), estão presentes seis empresas que atuam com a soja.

- Cargill, empresa global, com instalações em Irati nos estabelecimentos da empresa Aduvos Viana;
- Louis Dreyfus, empresa global, presente no município de Irati desde 1992, utilizando-se das instalações da empresa Cereal Sul Comércio e Beneficiamento de Cereais LTDA;
- Nidera, empresa multinacional, está no Brasil desde 1969 e, em Irati, desde o ano de 2011, nas instalações da Moageira S/A que foi criada em Irati, em 1949;
- Cooperativa Agroindustrial Bom Jesus, empresa regional, foi criada em

¹⁰ Dados obtidos junto à Seab e prefeituras municipais da mesorregião Sudeste Paranaense em 2012.

1952 na mesorregião Metropolitana de Curitiba;

- Sul Defensivos Agrícolas LTDA, empresa regional, foi fundada em 1983 na mesorregião Metropolitana de Curitiba e está em Irati desde 2001.
- Girassol Cooperativa Agropecuária do Centro-Sul do Paraná, empresa local, que foi criada em Irati no ano de 2011.

Todas estas empresas criam redes com fixos em vários pontos do território para obter vantagens territoriais e fluidez na movimentação da mercadoria soja e seus derivados, para tanto, utilizam largamente a lógica de parcerias com empresas menores de todos os lugares, articulando porções do território.

No complexo da soja da mesorregião Sudeste Paranaense e do município de Irati, tem-se a ligação com outros centros de poder exógenos, pois os municípios que já tem concentração de indústrias e são dotados de um amplo aparato técnico e informacional são escolhidos para ser centros administrativos, de decisão das empresas do agronegócio da soja, como São Paulo, onde estão os centros de decisão da Bunge, Cargill, Louis Dreyfus e Nidera¹¹. Em Ponta Grossa (84,1 km de Irati e 119 km de Curitiba) estão as unidades de processamento de grãos destas empresas (exceto a Nidera, que tem neste município uma unidade de tecnologia de sementes).

Já as unidades comerciais e armazéns de beneficiamento precisam estar perto do local de produção, por isso se escolhe, muitas vezes, municípios menores com produção significativa e infraestrutura básica de transportes, comunicação e financeira. Este é o caso de Irati e outros municípios da região.

Sobre a produção e os sistemas de armazenagem, o município Irati tem uma produção de 59.822 toneladas em 2011 (Sidra/IBGE, 2012). O sistema de

¹¹ Informações obtidas no site de cada empresa e Conab. A Bunge possui relações comerciais com algumas empresas da região.

armazenagem deste município, conforme Conab/Sicarm (2012) é composto por 14 armazéns graneleiros com capacidade para 242.517 toneladas.

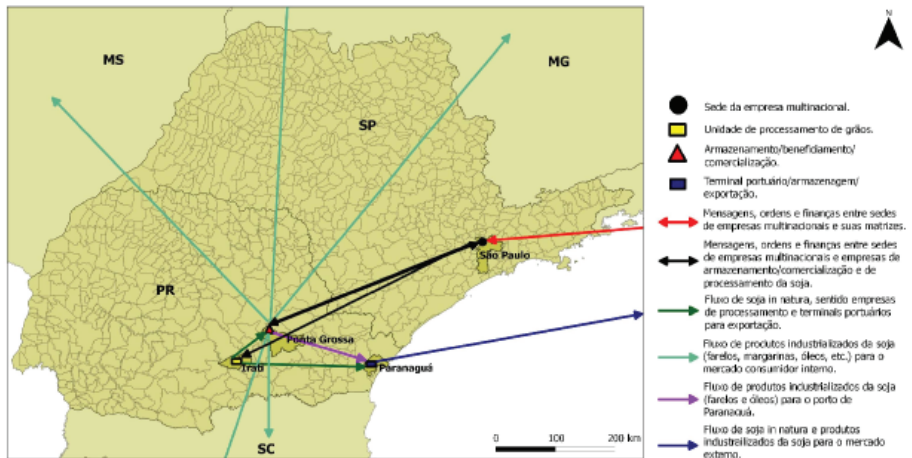
Sobre os sistemas de comunicação e financeiro, conforme Ipardes (2012) em Irati existem cinco agências bancárias, sendo uma filial do Banco do Brasil, uma da Caixa Econômica Federal, a cooperativa Sicredi, Bradesco, e HSBC. A cidade de Irati é dotada de uma rede de acesso à internet ADSL, telefonia fixa e telefones públicos. Em 2010, o município Irati contava com 3.522 linhas de acesso ADSL, com 8.488 telefones fixos e 350 públicos (Santos, L, 2010).

Em relação aos sistemas de movimento, o município de Irati é entrecruzado pela rodovia BR-277, que dá acesso ao porto de Paranaguá, pela rodovia BR-153, que conflui com a BR-373 para acesso até Ponta Grossa/PR.

Os trilhos da ALL passam pelo município, porém, nenhuma empresa que trabalha com soja possui pontos de transbordo por esta ferrovia, visto que seu traçado não estimula esta prática, pois a ferrovia segue sentido nordeste para Ponta Grossa para depois seguir sentido sudeste para Paranaguá, de Irati a Ponta Grossa são aproximadamente 125km de trilhos, e se contados com o de Ponta Grossa a Paranaguá que é de 265km, daria aproximadamente um total de 390km até chegar ao porto.

O mapa 1 exemplifica o circuito espacial de produção da soja e os círculos de cooperação. Primeiramente, a soja é transportada por caminhão até o silo de secagem e limpeza, depois é movimentada por caminhão até a fábrica de esmagamento. Parte vai ficar para o refinamento do óleo e margarina e outra parte para farelos. Estes produtos atendem o mercado interno e externo.

O mapa contempla uma unidade de armazenagem no município de Irati que pode ser representado por empresas nacionais que apenas fazem a armazenagem, a comercialização e prestam serviços para multinacionais, funcionando como



fixos ou nós no espaço, ou seja, fazem parte do circuito espacial da soja, que tem em um de seus destinos as unidades de processamento de empresas multinacionais que estão localizadas no município de Ponta Grossa.

Além disso, verificamos que as empresas podem destinar parte da soja do armazém *in natura* diretamente para o terminal no porto, onde se concretizará a venda e a exportação. Parte dela já industrializada para venda no porto de Paranaguá ou para distribuição e consumo em outros estados. Também evidencia os círculos de cooperação no espaço que são as ordens e decisões vindas dos centros administrativos de São Paulo e do exterior, e a troca de informações e dinheiro entre as firmas.

Assim, é possível afirmar que muitos municípios do Paraná participam do complexo da soja com fixos e fluxos que cooperam para a formação do circuito espacial de produção. São múltiplas as possibilidades de articulação: comércio de fertilizantes e agrotóxicos, prestadores de serviços que consertam maquinários agrícolas, os bancos e as finanças, os sistemas de armazenamento, beneficiamento

e comercialização (geralmente nas unidades armazenadoras está situada a filial de comercialização, em termos de aquisição de soja do produtor, venda direta ao porto e expedição para a filial de processamento), os sistemas de comunicação (internet, telefone), as rodovias, dentre outros.

São fixos e fluxos que fazem parte de várias empresas ou do próprio governo e que estão, nos níveis municipal ou regional, cooperando no espaço para que o circuito espacial de produção extrapole a escala municipal, regional e nacional e alcance o mundo. Isso demonstra como é grande o circuito espacial de produção da soja e quantos processos e empresas envolvem. Segundo Corrêa:

Uma complexa e multilocalizada corporação gera fluxos de matérias-primas, bens intermediários e produtos finais que tendem a originar redes com múltiplos circuitos, refletindo padrões distintos e complexos de localização das diversas unidades da corporação, assim como natureza, em parte complementar, das funções que cada unidade desempenha (Corrêa 2006, p. 313).

Cada empresa estabelece topologias no território e as multinacionais são as que alcançam o maior número de municípios e estados brasileiros. Segundo Contel (2006), as grandes empresas multinacionais possuem, hoje, uma topologia que perpassa e une vários países em seus circuitos produtivos. As empresas criam e recriam diferentes territorialidades, se distribuem no território com o objetivo de articular, da melhor maneira, o circuito espacial de produção, bem como redefinem suas localizações (Santos e Silveira, 2008).

Como demonstrado a partir do município Irati, a produção e a infraestrutura básica de comunicação, transportes, armazenagem e financeira influenciam a presença de empresas do agronegócio, mas não se resume a isso, pois as empresas também estão localizadas em regiões e municípios mais dinâmicos

do país, como, por exemplo, o município de Ponta Grossa, lugar de instalações de muitas agroindústrias.

Vale lembrar que Araújo (1999) aponta este município dentre outros da região Sul e Sudeste como um dos lugares com mais concentração e opção das indústrias. Em São Paulo estão instaladas as sedes das empresas multinacionais da soja, Santos (2011) e Santos e Silveira (2008) também demonstram que São Paulo funciona como sede de muitas empresas multinacionais que têm suas filiais localizadas em vários pontos do território brasileiro.

São diferenciadas as topologias e os ramos das empresas do agronegócio localizadas na mesorregião Sudeste Paranaense e nos municípios selecionados, sendo empresas multinacionais, nacionais, regionais e locais. No que se refere à topologia das empresas multinacionais Cargill, Louis Dreyfus *Commodities* (LDC) e Nidera, que fazem a comercialização da soja em Irati, estas possuem escritórios de comercialização e alugam os armazéns das empresas locais, a Adubos Viana, Cereal Sul e da Moageira S/A, respectivamente, estas fazem a padronização (secagem e limpeza) e a armazenam da soja.

As unidades de processamento da Cargill e da LDC estão localizadas em Ponta Grossa, na mesorregião Centro-Oriental, e as sedes destas, além da Nidera estão localizadas em São Paulo. Estas empresas também possuem filiais em vários pontos do território brasileiro e trabalham em outros ramos do agronegócio:

- A Cargill armazena, processa e comercializa soja em vários pontos do território brasileiro, pois “tem unidades industriais, armazéns e escritórios, e terminais portuários em cerca de 150 municípios” (Cargill, 2012), além de trabalhar com a produção de açúcar e etanol e com exportação de algodão.

- A Louis Dreyfus tem unidades em 12 estados brasileiros e “atua na produção, transporte, armazenagem e comercialização de produtos agrícolas, com operações nos mercados de açúcar e etanol, algodão, arroz, café, fertilizantes, grãos, oleaginosas e sucos cítricos” (LDC, 2012).
- A Nidera trabalha com tecnologia de hibridização de sementes de milho, soja e sorgo, exportação e importação de soja e oleaginosas (Nidera, 2012).
- A empresa Sul Defensivos Agrícola faz a venda de insumos agrícolas e o recebimento, pesagem e comercialização da soja no município de Irati e possui outras filiais na mesorregião Sudeste, além de trabalhar com milho e trigo; sua sede está na mesorregião Metropolitana de Curitiba (Sul D. Agrícola, 2012).
- A Cooperativa Agroindustrial Bom Jesus faz armazenagem, beneficiamento e comercialização da soja e também a venda de insumos agrícolas em Irati, e possui 12 entrepostos na mesorregião Sudeste Paranaense, além de trabalhar com milho, feijão, horticultura e agropecuária e ter um campo de experimento de lavouras. Sua sede está localizada na mesorregião Metropolitana de Curitiba (Cooperativa Bom Jesus, 2012).
- E a empresa Girassol Cooperativa Agroindustrial do Centro-Sul do Paraná, localizada em Irati, é a única que faz a industrialização da soja, e sua comercialização abrange uma pequena escala, ficando circunscrita aos municípios de Irati e Prudentópolis. Além da soja, a empresa trabalha com canola, girassol, milho e trigo¹².

¹² Entrevista realizada com o administrador da empresa Girassol Cooperativa Agroindustrial do Centro-Sul do Paraná (14-12-2012). Entrevistadora: Michele Serpe Fernandes. Irati/Paraná, 2012.

Nesse contexto, observamos a participação da mesorregião Sudeste Paranaense na agricultura científica globalizada através da produção da *commodity* soja, e também das diversas empresas (nacionais e estrangeiras) que cooperam para o circuito espacial produtivo da soja. Essas empresas estabelecem diferentes topologias no território e agem em parcerias com várias outras firmas, formando múltiplas redes de fixos e fluxos no território.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pudemos observar neste trabalho que desde 1960, o Brasil, o Paraná e a mesorregião Sudeste vêm se inserindo em uma agricultura científica globalizada e na produção da *commodity* soja, e que a partir de finais da década de 1980, empresas globais se inserem no campo de modo mais intenso, agindo por intermédio de parcerias e fusões com empresas nacionais.

As firmas atuantes em diversas escalas cooperam uma com as outras, sendo que algumas empresas (locais) fazem a armazenagem e o beneficiamento da soja, outras fazem a comercialização (multinacionais) e outras, ainda, armazenam e comercializam a partir da região (nacionais, regionais e locais). As empresas locais que fazem apenas a armazenagem cooperam com o circuito espacial produtivo da soja, atingindo a escala mundial.

As multinacionais, além de fazer a comercialização da soja possuem unidades de processamento em Ponta Grossa e em outras regiões e estados. Também possuem terminais portuários em São Paulo e matrizes em outros países. Nesse sentido, estas empresas hierarquizam suas funções no espaço, agem com trocas de informações, dinheiro e ordens, entre suas matrizes, sedes e centros de armazenagem, comercialização e processamento; extraem a soja da mesorregião Sudeste Paranaense e fazem o processo de industrialização fora da região. Os produtos industrializados são levados ao porto de Paranaguá para

serem exportados. Também são transportados para os centros de distribuição e consumo do país, demonstrando os múltiplos circuitos espaciais produtivos da soja e seus círculos de cooperação no espaço.

As *tradings* instaladas na região estabelecem diferentes topologias no território brasileiro e atuam em vários ramos do setor agrícola e agropecuário. Confirmamos que estas firmas escolhem as porções do território que tenham infraestrutura básica de circulação (armazéns, rodovias, e comunicação), como é o caso do município de Irati, principal município da mesorregião Sudeste. Neste município estão fixadas as rodovias BR-277 e BR 153, ferrovia, armazéns graneleiros (nenhuma multinacional tem armazéns próprios, todas utilizam os armazéns locais), sistemas de comunicação (telefones, internet) e outros.

Porém, ressaltamos que para seus centros administrativos e indústrias de processamento, escolhem os lugares mais dinâmicos, com concentração de indústria como o caso de Ponta Grossa, como nos mostram Araújo (1999), e de São Paulo, como ressaltam Santos e Silveira (2008).

Nossas análises da produção e circulação da soja da mesorregião Sudeste e do município de Irati, confirmam que os mesmos estão inseridos num processo de geração de mais valia global, posto o circuito espacial produtivo da soja atua de modo extravertido, dos locais para o global.

Concluimos que, no período técnico-científico-informacional, em meio ao processo de globalização, da formação de novas divisões do trabalho, a mesorregião Sudeste participa deste processo, aderindo a uma agricultura globalizada e aos instrumentos advindos do mesmo, cooperando, articulando e sendo articulada pelos circuitos espaciais produtivos soja. A região se estabelece como um exemplo de como o local participa do processo de produção e reprodução do capital global e de como o global interfere no processo produtivo

local. Esse processo também aponta para a seletividade territorial das empresas. Por fim, este é o exemplo da soja, que não substituiu completamente formas tradicionais de produção, ainda predominante em toda a região.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABIOVE-Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais. (2012) Estatística. In: <http://www.abiove.org.br/site/index.php?page=estatistica&area=NC0yLTE=/>.
- ALBERGONI, Leide. PELAEZ, Victor. (2007) Da Revolução Verde à agrobiotecnologia: ruptura ou continuidade de paradigmas? . **Revista de Economia**, v. 33, n. 1 (ano 31), p. 31-53.
- ANEC - Associação Nacional dos Exportadores de Cereais. (2012) Estatísticas. In: <http://www.anec.com.br/links.html/>.
- ARAÚJO, Tânia Bacelar. (1999) Dinâmica regional brasileira nos anos noventa: rumo a desintegração competitiva. In: CASTRO, Iná Elias. MIRANDA, Mariana. EGLER, Claudio A.G (org). **Redescobrimo o Brasil 500 anos depois**. Editora Bertrand Brasil, Rio de Janeiro: p. 73-89.
- BELIK, Walter. (1994) Agroindústria e reestruturação industrial no Brasil: elementos para uma avaliação. **Cadernos de Ciência & Tecnologia**, Brasília, v.11, n.1/3, p.58-75.
- CARGILL. (2012) Localidades. <http://www.cargill.com.br/pt/localidades/index.jsp/>.
- CARVALHO, Renata. (2010) A AMAZÔNIA RUMO AO “CICLO DA SOJA”. Ano I Setembro 1999. In: <http://intranet.amazonia.org.br/arquivos/99456.pdf>.
- CASTILLO, Ricardo. (2004) “Transporte e logística de grãos sólidos agrícolas: componentes estruturais do novo sistema de movimentos do território brasileiro.” *Investigaciones Geográficas*, **Boletín del Instituto de Geografía**, UNAM . n. 55.p. 79-96.

- CASTILLO, Ricardo. (2007) Agronegócio e Logística em Áreas de Cerrado: expressão da agricultura científica globalizada. **Revista da ANPEGE**. v. 3, p.33-43.
- CASTILLO, Ricardo. FREDERICO, Samuel. (2010) Espaço geográfico, produção e movimento: uma reflexão sobre o conceito de circuito espacial produtivo. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, 22 (3). p.461-474.
- CONAB- Companhia Nacional de Abastecimento/SICARM - Sistema de Cadastro Nacional das Unidades Armazenadoras. (2012) Cadastro de Armazéns. In: <http://sisdep.conab.gov.br/consultaarmazemweb/>.
- CONTEL, , Fábio Betioli. (2006) **Território e finanças: técnicas, normas e topologias bancárias no Brasil**. 343 p. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade de São Paulo: faculdade de filosofia, letras e ciências humanas. Programa de pós-graduação em Geografia Humana. São Paulo.
- COOPERATIVA BOM JESUS. (2012) Institucional. In: <http://www.bj.coop.br/cooperativismo/artigo/Institucional/>.
- CORRÊA. Roberto Lobato. Interações Espaciais. (2006) In: CASTRO, Iná Elias. GOMES, Paulo Costa. C.G. CORRÊA, R.L. (org) **Explorações Geográficas: percursos no fim do Século**. 2 ed. Editora Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 368p.
- ELIAS, Denise. (2003) **Globalização e agricultura: a Região de Ribeirão Preto - SP**. Editora da Universidade de São Paulo: São Paulo, 400p.
- EMBRAPA- Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. (2010) A soja no Brasil. In: <http://www.cnpso.embrapa.br/>.
- EMBRAPA- Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. (2012) Soja em números. In: http://www.cnpso.embrapa.br/index.php?op_page=294&cod_pai=16/.
- FAJARDO, Sergio. (2007) Discussões sobre Territorialidade Econômica e as Transformações na Paisagem e no Espaço Rural pela ação de *tradings* Agrícolas

- e Cooperativas no Paraná. Campo-Território: **Revista de geografia agrária**, v. 2, n. 3, p. 17-39.
- FAJARDO, Sergio. (2008) **Territorialidades Corporativas no Rural Paranaense**. Guarapuava: Editora da Unicentro. 414p.
- IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (1960) **Censo Agrícola de 1960**. Paraná - Santa Catarina. VII Recenseamento Geral do Brasil. (Série Regional. Volume II. Tomo XII. 2 parte). 343p.
- IPARDES - Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. (2012) Caderno Estatístico - Município de Irati.
- MAZZALI, Leonel. (2000) **O processo recente de reorganização agroindustrial: do complexo à organização “em rede”**. São Paulo: Editora UNESP-(Coleção Prismas / PROPP). 178p.
- NIDERA. (2012) Empresa. In: [//www.niderasementos.com.br/conteudo.aspx?cont=25/](http://www.niderasementos.com.br/conteudo.aspx?cont=25/).
- OLIVEIRA, Arioaldo Ubelino. (2007). **A geografia agrária e as transformações territoriais recentes no campo brasileiro**. In: CARLOS, A.F.A. *Novos Caminhos da Geografia*. 5. ed. Editora Contexto: São Paulo.
- REZENDE, Gervásio Castro. (1993) **A agricultura brasileira na década de 80: crescimento numa economia em crise**. Rio de Janeiro: IPEA. 119p.
- ROIK, Willian. Entrevista realizada com o administrador da empresa Girassol Cooperativa Agroindustrial do Centro-Sul do Paraná (14-12-2012). Entrevistadora: Michele Serpe Fernandes. Irati/Paraná, 2012.
- SANCHEZ, Joan Eugeni. (1991) **Espacio, economia y sociedad**. Madrid: Siglo Veintiuno, p. 95-115.
- SANTOS, Milton. (1988) **Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia**. São Paulo: Hucitec. 136p.

- SANTOS, Milton. (2006) **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 260p.
- SANTOS, Milton. (2008) **Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e Meio Técnico-científico-informacional**. 5. Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 174p.
- SANTOS, Milton. (2011). **Por uma outra globalização: do pensamento único a consciência universal**. 20 ed. Rio de Janeiro: Record, 174p.
- SANTOS, Milton. SILVEIRA, L. Maria. (2008) **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. 10 ed. Rio de Janeiro: Record. 470p.
- SANTOS, Letícia Król. (2011) O processo de disseminação das telecomunicações em Irati: o uso do território de a formação das redes. In: VII semana de Geografia de Irati-PR. **Anais...Artigos**. p.221-233. CD-ROM. ISBN 1983-4667.
- SEAB- Secretaria de Agricultura e Abastecimento/ Núcleo de Irati-PR. Informações obtidas no Departamento de Economia Rural (Deral) em março de 2012.
- SEAB- Secretaria de Agricultura e Abastecimento (núcleos regionais da região sudeste paranaense), dados obtidos por telefone, no Departamento de Economia Rural (Deral) de União da Vitória, em novembro de 2012.
- Secretaria de Agricultura. Empresas agrícolas. Prefeitura Municipal de São João do Triunfo, dados obtidos por telefone dia 20-11-2012.
- Secretaria de Agricultura. Empresas agrícolas. Prefeitura Municipal de Ivaí, dados obtidos por telefone dia 21-11-2012.
- Secretaria de Agricultura. Empresas agrícolas. Prefeitura Municipal de Prudentópolis, dados obtidos por telefone dia 21-11-2012.
- SIDRA - Sistema IBGE de Recuperação Automática/ IBGE- **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. (2012) Agricultura. In: <http://www.sidra.ibge.gov.br/>.

SUL DEFENSIVOS AGRÍCOLA LTDA. (2012) Sobre a Empresa. In: <<http://www.sulagricola.com.br/>.

USDA-*United States Department of Agriculture*. (2012) Foreign Agricultural Service. In: <http://usda.mannlib.cornell.edu/MannUsda/viewDocumentInfo.do?documentID=1490/>.